



Resenha

Cibercultura e pós-humanismo

RÜDIGER, Francisco.

Porto Alegre: EDIPURS, 2008, 239p.

Paulo Cirne de CALDAS*

*“é perfeitamente concebível que a era moderna venha a terminar na passividade mais mortal e estéril que a história jamais conheceu” ([1958]1993:335-336)***

Sem dúvida, a leitura do livro de Francisco Rüdiger, intitulado “Cibercultura e pós-humanismo” [2008], descentra o sujeito, mas não reificando-o na promoção de um individualismo expressivo, conforme alguns autores da chamada “pós-modernidade” o fazem, como por exemplo M. Maffesoli. O livro de Rüdiger estuda o problema do pós-humanismo na cibercultura com uma proposta subjacente de ver o pós-humano “como senha de certos problemas que se colocam à humanidade na atual encruzilhada da sua história” (p.17). Na introdução, o autor faz uma reflexão crítica histórico-filosófica sobre a técnica. Apoiado em Heidegger, o autor chama-nos a atenção de como hoje somos “prisioneiros do pensamento tecnológico” (p.11). Apreendemos daí um alerta que no decorrer dos nove textos vai sendo elaborado com uma dose certa de distanciamento em relação ao objeto.

O livro de Rüdiger constitui-se de duas partes que se complementam de modo a nos instigar criticamente diante da realidade. Antes desses blocos, o autor “oferece um rápido panorama sobre as origens da cibercultura e a relaciona com o progresso da indústria cultural no final do último século” (p.16). Intitulado “A comunicação na era da cibercultura: adeus à indústria cultural?”, o ensaio, apropriadamente, ajuda-nos com Adorno a compreender satisfatoriamente como a cibercultura “é, em essência, uma nova forma de negócio com os bens culturais da indústria [...] um capitalismo digital que se projeta para além da informática empresarial” (p.33). O pós-humanismo é pensado, aí, para percebermos com Rüdiger como os fenômenos da cibercultura sinalizam a chegada de um novo tempo, “caracterizável do ponto de vista histórico, crítico e humanista como o de uma barbárie tecnológica” (p.36).

Para dar seqüência a sua crítica, Rüdiger pensa a dialética homem/máquina desenvolvendo exercícios de arqueologia em mais quatro ensaios, a primeira parte do livro. Neles, o autor se apóia em materiais de estudos nas áreas da literatura, da pintura, da música e do cinema. No primeiro ensaio, o autor trabalha com a literatura. Dois textos, de Forster [1909] e Galouye [1964], exemplificam os estágios pré e protocibernética. Com o primeiro, ressalta a hipótese do escritor de como a “maquinização depende de nossa irracionalidade” (p.58). Lê-se já à época “o esboço de

* Doutor em Comunicação Social pela PUC/RS

** Essa passagem de Hannah Arendt foi extraída do livro *A condição humana* [1958] que analisa a crise da condição humana na era moderna e que, de certo modo, parece pertinente com a análise de Rüdiger sobre a perspectiva do pós-humano na cibercultura.



um eventual cenário pós-humano” (p.47), repercutindo na obra “a crescente reificação das relações sociais” (p.43) que Forster percebia na sua vida. A internet é prefigurada com uma “espécie de rede audiovisual descentralizada” (p.43). Com Galouye, o mérito do texto está em revelar o “retrato de um mundo desenhado em atitude de submissão ao pensamento tecnológico” (p.57) e “as possibilidades utópicas da tecnologia” (p.56), como por exemplo a antevisão do *Second Life*.

No ensaio seguinte, ao focalizar obras de pintura, o autor observa como já nas obras do designer Giger, o criador oscarizado de monstros cenográficos, o pós-humano, retratado distopicamente, “é sinal de nossa má consciência para com a condição humana em meio ao mundo da máquina” (p.84). A análise da dialética homem/máquina em Giger aponta com propriedade como “o homem é algo transitório” (p.82). E, nesse sentido, o autor estuda a figura do biomecanóide, cuja concepção Gigeriana “não se origina da sua mente delirante, e sim, de nosso pensamento tecnológico” (p.72). Uma obra que sinaliza também “a resignação filosófica” (p.84).

Outro objeto de análise é a obra musical do grupo alemão Kraftwerk. Se com Giger, segundo Rüdiger, “vigora uma vontade de morte maquinica” (p.69), já com Kraftwerk “aciona-se nela (a sua música) a fantasmagoria da fusão com a máquina, e não a nossa fusão com ela” (p.99). A integração do homem em um mundo maquinístico é pensada pelo grupo de forma “esclarecida e emancipatória” (p.92), repercutindo “a resignação irônica com nossa submissão espiritual à tecnologia” (106).

No texto intitulado “A Dialética entre homem e máquina no cinema: de Kubrick a Spielberg”, o autor amplia sua análise com o cinema de ficção científica para melhor compreender-se “os sinais e os temores acerca de qual é a situação humana que estamos vivendo em meio à era maquinística” (p.136). Para Rüdiger, a era tecnológica representa “o precipício simbólico em que vamos mergulhando” (p.115). Dois filmes destacam-se: a obra prima *2001: Uma Odisséia no Espaço* [1968], que “consegue escapar do pensamento tecnológico” (p.124), e *Inteligência artificial* [2001].

Os quatro últimos ensaios formam a segunda parte do livro e pensam a questão do pós-humanismo desenvolvendo alguns elementos de criticismo histórico e filosófico. No primeiro texto, o autor faz breve recapitulação histórica do assunto e passa a analisá-lo no terceiro texto no âmbito da biopolítica. Ao estudar o movimento pós-humanista, “ainda demasiadamente humano” (p.143), o autor observa com Foucault como ele é “mais um sinal da biopolítica em que estamos enfiados há mais de um século” (p. 183). Um movimento, como é bem estudado, que tem base ideológica importante na teoria cibernética de Norbert Wiener e que está “parcialmente encaixado nas engrenagens empresariais e tecnológicas que estruturam nossa civilização” (p.141). Rüdiger mantém um distanciamento reflexivo que se articula histórico-filosoficamente para fazer-nos pensar “se não está cada vez mais claro que o tempo antevisto por Nietzsche já chegou” (p.198). Esse questionamento é instigado no texto ao dialogar-se criticamente com pensadores influentes dos movimentos pós-humanistas, que “reverberam intelectualmente uma sensibilidade cultural e um projeto tecnológico que podem abalar nosso mundo histórico muito rapidamente” (p.155). Passamos a discutir sobre as regras do ser humano, o que ensejou o embate entre duas frentes biopolíticas: a dos direitos humanos e a dos pós-humanistas: “estamos no alvorecer de lutas em que se decidirá não



apenas a forma, mas a sorte de nossa espécie ... talvez lutas como nenhuma outra no passado ... o porvir será cada vez mais de afirmação de um biopoder” (p.195;198;210).

Ao ater-se ao sentido filosófico e histórico do pós-humano no segundo e quarto textos, Rüdiger, apoiado em Heidegger, argumenta que “o homem não é essência original, mas resultado circunstancial, não *eidos*, mas eventual *telos* de um processo sempre aberto e contingente” (p.176). É com esse pensamento crítico que o autor, “submetendo as fantasias e hipóteses pós-humanistas a uma espécie de teste filosófico” (p.17), pode manter a devida distância reflexiva para estudar os fenômenos da cibercultura, pois em termos futuristas, como acertadamente conclui, “consiste em saber o que nos define a existência, e não tanto o humano” (p.214). É dar-se conta, por exemplo, que “desde o início dos tempos modernos, começamos a nos pensar segundo o modelo das máquinas” (p.211). Ou então constatar com Rüdiger como o pensamento tecnológico, a exemplo do pensamento humanístico, “é carente da capacidade de auto-reflexão” (p.167). Ou ainda valer-se sabiamente da fortuna adorniana para afirmar como, em um estágio superior daquele processo de alienação da técnica e do ato criativo no sistema capitalista, “prospera entre nós um crescimento da taxa de composição maquinística dos seres humanos” (p.208).

Na conclusão, aponta-se uma questão com a qual o livro, na minha opinião, nos estimula a pensar por que o homem cada vez mais parece desistir de lutar utopicamente por uma sociedade diferente da do sistema capitalista. Rüdiger dá-nos não a resposta e sim a reflexão crítica de como o mundo contemporâneo está mudando para ser reconhecido não via revolução na existência, mas via a utopia da vida eterna: “está surgindo um novo mundo, cujo sentido é tecnológico e a estrutura, maquinística” (p.176). Um mundo onde, segundo o autor, “é preciso que os interessados se decidam entre o homem e a crítica” (p.236). Se você decidisse pela crítica, com certeza ela não serviria de “articulação para a criação de uma outra sociedade” (p.232), mas, se não “se tornar a propaganda que o mundo tecnológico não precisa” (p.235), poderá “estar à altura de sua época” (p.234).